

T. S. sobe a montanha
Catarina Lins

*Estuve un momentico, pero me sentía fatal. La oí cantar,
pero fue horrible.
(Pablo)*

*Que isso cara
Cata
Vc precisa dar um mergulho
Comer uma esfirra no árabe
(Maria Bogado)*

*That city of our deep desire.
(Amiri Baraka)*

*Uma cidade está sob seus pés
(JMS)*

*Como si verte desnuda no me aturdiera tan
sistematicamente
(Drexler)*

*O filme era só: Tilda Swinton sobe a montanha.
Agora, Tilda desce a montanha.
(Luiza)*



A viagem foi horrível. Eu passava os dias num café decadente, chamado Urbe, enquanto (você) passava as tardes em uma conferência sobre Rosalia de Castro (tinha feito uma série de filme com alguns poemas dela. Num deles, uma árvore pegava fogo). À noite, ensinava espanhol, online.

No café Urbe as coisas parecem acontecer como no passado (por exemplo: videoclipes de Green Day ou Avril Lavigne tocavam nessa TV ao fundo). A cidade é engraçada, talvez não tão decadente quanto o café mas como em um filme antigo eram os seus letreiros – Hotel, Cafeteria Luces de Bohemia – apagados o que mais chamava minha atenção. Talvez o mar, também, e uma estátua em homenagem a Julio Verne (sentando em cima de um polvo) em frente ao *famoso mar de Vigo*.

Dali, escrevo para minhas amigas galegas, Alícia (a musicóloga visitante) e Xita (que é escritora), com fotos do nosso café da manhã e um pedido de socorro. Vou até uma loja que é um misto de oficina, livraria e galeria de arte e compro dois anéis, feitos em Vigo (mando-te as fotos para ver se aprovas e pergunto se estamos mesmo prontas para isso. Você diz que sim, para as duas coisas).

À noite, sidra de kiwi e azeitonas e (você) está furiosa (eu não entendo por quê).



A verdade é que eu gostaria muito mais de fazer um filme do que um livro de poemas. Como no último filme de Hang Songsoo, que vi ontem em vez de voltar para casa. Nesse filme, uma novelista se apaixona por uma atriz e decide (na verdade, era um sonho antigo) fazer um filme com ela.



Se eu decidisse fazer um filme ele se passaria em Vigo nestes dias chuvosos em que duas pessoas que não se conhecem suficientemente decidem fazer uma viagem e brigam todos os dias (por motivos tão importantes como: uma delas acha justo e mesmo necessário comer tortilhas todos os dias, em todas as refeições, e a outra não). Uma dessas pessoas (você, é claro) se apaixona, provavelmente, por algum daqueles professores catedráticos, ou por umas das pesquisadoras mais jovens, ou jovens realizadoras como você. De qualquer forma, alguém como você. E, como o estranho ajudante me confidenciaria em um jantar, vocês dois, ou duas, seriam vistos num elevador, à noite, e eu não faço parte da história. Eu só observo, sentada nesse café horrível, em Vigo, chamado Urbe.



Talvez o filme pudesse terminar com nós duas nesse trem, onde você dorme, estafada, e eu olho a cidade pela janela embaçada. Algumas luzinhas ao longe, o mar, etc., o meu reflexo, perplexa por

ter ido até lá só para isso. (O movimento do trem, talvez, acalmasse ambas – e, sobretudo, as espectadoras).



Chegando no Porto talvez já fosse dia no filme mesmo que tenhamos chegado de madrugada, na história. Carregamos nossas malas pela cidade um pouco mais vazia do que o normal e, aqui também, chove. As luminárias têm essa luz calma, melancólica, perfeitas para um filme. E há outras pessoas como nós, cansadas, chegando de viagem ou indo trabalhar. Talvez o filme terminasse aí, ou mais tarde, quando chegássemos no apartamento alugado em frente ao cinema onde estava passando o documentário sobre Cesária Évora que me meti a ver no domingo. Não sei quando o filme acaba – isso eu deixaria para (você).



Antes do fim, entretanto, haveria mais cenas como esta: estamos em outra cafeteria (Atenea, onde servem kombucha, ou Rosalia, para cafés com leite) isoladas por essa massa de barulho de colheres tocando em xícaras, conversas em espanhol, telefones e até mesmo o som dos pássaros, do vento, máquinas de café expresso. Eu, por exemplo, leria o jornal, imersa como sempre nos meus próprios pensamentos (“ela já não me ama”, é um deles, recorrente), o que te irrita profundamente. Já não lembro que outras cenas pensei em incluir no filme. As das manhãs, certamente, em táxis, sem palavras, e as de noite, antes de dormir, também sem muitas palavras. Há, no entanto, algumas cenas de amor – por isso, o melhor mesmo seria não fazer o filme e sim esta plaquete encomendada para ti (porque como você diz: os melhores livros são brincadeiras).



Run to the hills

A primeira vez que vi Catarina foi numa mostra de cinema do Jean-Luc- Godard. Eu acho que ela não sabe disso. A segunda vez foi na mesma mostra – ela levava um livro.

Depois conheci Catarina, porque ela era amiga de um amigo – que sinto saudade – e a gente começou a se falar.

Publicamos livros quase na mesma época, falamos muito de como a poesia poderia ser outra coisa e ser poesia. Ficamos amigos.

Catarina vinha do sul do país, morava agora no Rio. Quando não nos víamos, a gente fazia chamadas de cam, depois ela foi morar fora.

Liguei um dia p/ ela, conversamos, ela me falou de um poema, espécie de roteiro de um filme de amor. Eu quis ler, ela me enviou, eu fiz o convite, ela aceitou.

Para a nossa alegria.

T.S. sobe a montanha. Eu pensei que fosse o Eliot, depois soube que era a Tilda. Por fim, me lembrei de uma montanha que subi em Lisboa.

Todo mundo deveria subir uma montanha um dia.

Entre o amor, o *devoir-mulher*, as imagens, um lirismo radical, o ritmo, e o filme que está aí, com a Tilda de protagonista, com a Catarina de protagonista, com leitores/as de protagonistas.

T.S. sobe a montanha é um poema que – quando recebi – fez o meu dia – um dos piores dias do ano – um pouco mais alegre, senão alegre, claro, muito alegre.

Catarina Lins vive bem no mundo, é mulher, poeta, pesquisadora, fotógrafa – todas as imagens são dela –, em breve fará um filme e atravessa pontes. Mais do que subir montanhas.

FAD
2022